

Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE



Conselheiro
Marcelo



Jonas
Reis



Hamilton
Sossmeier



Mari
Pimentel



Prof. Alex
Fraga

021ª CECE 25JUN2024

Pauta: Reconstrução e obras nas escolas que sofreram com alagamentos, reposição dos materiais e insumos destas escolas, retomada do calendário escolar na rede municipal de ensino, o impacto na saúde psicoemocional das servidoras e dos servidores das escolas da rede municipal, entre outros temas correlatos.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): (14h06min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE

SRA. LUCIANA: Boa tarde, sou assessora do serviço de orientação educacional da SMED/Porto Alegre!

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Boa tarde Luciana, seja bem-vinda à nossa reunião.

SRA. LUCIANE CONGO: Boa tarde, estou aqui também representando a Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre – ATEMPA.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Boa tarde Luciane, seja bem-vinda.

SRA. ROSELE: Boa tarde, sou uma das diretoras também, junto com a Luciane, da ATEMPA.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Seja bem-vinda, Rosele, boa tarde Luciane.

SRA. CINDI SANDRI: Boa tarde, eu a Bete, somos diretoras do Simpa.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Boa tarde, sejam bem vindas, diretoras.

SR. ANDRÉ FLORES: Sou secretário municipal de Obras e Infraestrutura de Porto Alegre.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Boa tarde, secretário, amigo André, seja bem-vindo à nossa reunião. Está em viagem...

SR. ANDRÉ FLORES: Estou em deslocamento aqui para região, estava visitando uma obra pela manhã, lá no Centro Vida, agora ao meio dia, estivemos de manhã, voltamos ao meio dia, e agora estou voltando.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Sempre ativo, isso aí.

SR. RAFAEL MILANI: Boa tarde, nesse ato represento a Procuradoria-Geral do Município.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Seja bem-vindo, procurador. Temos mais alguma entidade, alguém representando mais alguma entidade, podemos dar início?

SRA. ADRIANA: Sou assessora da CIPAVE, na SMED, me apresentando; boa tarde a todas e todos.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Boa tarde, Adriana, bem-vinda também a nossa reunião.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Acho que, inicialmente, vereador, a gente poderia ouvir a Secretaria de Educação e a Secretaria de Obras sobre o calendário. A proposta dessa reunião, quando eu fiz, é para que a gente pudesse pensar coletivamente as obras de reconstrução das instituições de ensino da cidade, que foram infelizmente alagadas nessa tragédia.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Perfeito, então vamos ouvir a secretaria.

SRA. LUCIANA: Eu e a Adria, a gente veio para falar um pouquinho sobre a questão de saúde mental; então, eu acho que o secretário que deveria falar da questão das obras ali.

SR. ANDRÉ FLORES: Está bem, posso começar sem problema algum. Então, boa tarde a todos. Não é segredo para ninguém que nós tínhamos, já tivemos uma série de dificuldades estruturais nas escolas. Esse governo ia fazendo essa gestão e fazendo uma série de investimentos, já tinha feito investimento significativos na área da recuperação do parte elétrica das escolas, da parte estrutural também – temos uma licitação aí que está em fase final de um valor bem significativo, R\$ 85 milhões, para recuperação das escolas. No meio de tudo isso tivemos essa tragédia climática, que acabou acometendo 85% do nosso

Estado, num momento bastante difícil para todos nós, que a gente também vê acontecendo com alguma frequência indesejada, digamos assim, não só no Rio Grande do Sul, também é importante a gente lembrar, no mundo inteiro; então, a gente está tendo recorde de queimada no Pantanal, temos alagamentos na Suíça e na Alemanha. Então, a gente precisa também... Digo isso porque a gente precisa, além de recuperar as escolas, fazer projetos de uma cidade mais resiliente. Com essa visão nós já iniciamos uma série de reparos nas 14 escolas – foram contratadas emergencialmente empresas para fazer esse reparo, eu não disse no início, são 14 as escolas da nossa rede própria, além das escolas da nossa rede conveniada. Já iniciamos obras, com um especial destaque para liberar a EMEB Doutor Liberato Salzano, que é nossa escola mais antiga, nossa maior escola do Município, que completa 70 anos agora, e que ficou debaixo d'água um dos seus andares e toda sua educação infantil. Bom, vou descrevendo um pouco mais, temos a questão das ilhas lá, que tem problemas. Além disso temos outras escolas, além dessas 14 que ficaram debaixo d' água, por conta do alagamento da cidade e do Estado, tivemos também algumas escolas que foram atingidas pelo excesso de chuva, que acabou estragando telhado, coisa assim, temos também as escolas que serviram de abrigo, causando um desgaste natural, porque, mesmo com toda boa vontade, as escolas não foram planejadas para serem abrigo, então acaba tendo um uso da nossa rede elétrica, da nossa infraestrutura, mais do que o imaginado na média. Por isso, já estamos trabalhando com a recuperação dos prédios e com a manutenção daqueles que foram usados, já tamos trabalhando bastante. A Prefeitura tem um portal, para quem quiser assim, posso até mandar ao *link* aqui no *chat*, para as pessoas poderem acompanhar. Foi apresentado, na semana passada, um processo que está sendo liderado pelo secretário Germano Bremm, para que, empresas que queiram fazer doações, como se fossem adotar algumas obras, poderem fazer, isso inclui as escolas, postos de saúde, os parques, as praça e outros equipamentos públicos. Nesse diapasão, na EMEB Doutor Liberato Salzano, a Ambev está fazendo um projeto muito bacana lá, para iniciar, agora, nos próximos dias, a recuperação. É algo como R\$ 8 milhões,

em torno de R\$ 8 milhões para a recuperação da escola Liberato. Eles contratam a obra, eles mesmos fazem. Nós acompanhamos os quantitativos, a qualidade. Estivemos lá com a diretora e com os vice-diretores para acompanhar essa última vistoria da Ambev para poder também explicar e fazer uma sequência na obra, para que pudéssemos começar pela educação infantil e, depois, os outros; o segundo andar, que tem menos coisas para fazer, que é ali no telhado e no forro, mas para já poder dar aula no segundo andar e poder ter aulas enquanto vão acontecendo as obras, porque é uma escola de 1,7 mil alunos. E, assim, temos feito em todas as escolas. Onde nós encontramos mais dificuldade para iniciar o reparo foi lá na Ilha da Pintada, porque, primeiro, a escola foi muito atingida nas suas aberturas, o que dificulta, porque precisam ser feitas novas, e porque lá, por exemplo, esta noite, novamente a ilha exacerbou, exorbitou a sua taxa de inundação, então as ilhas também estão com as ruas cheias de água, e aí temos dificuldade de chegar lá com material, de chegar lá com os caminhões, e por isso nós, ainda lá na ilha, temos uma dificuldade para começar; mas, nas demais, em todas, de alguma forma, já se iniciou os reparos para retomar as aulas. Cada uma tem seu próprio cronograma, mas o que é importante a gente dizer, para já deixar claro nesta primeira manifestação, é que a Prefeitura, como um todo, a secretaria de Obras, a secretaria de Educação, a EPTC, o DMAE, todos os órgãos estão mobilizados para retomar o quanto antes as atividades de saúde, assistência social e educação. Claro, também a limpeza, obviamente, da cidade, para que a gente possa retomar as atividades da cidade o quanto antes. Nós conseguimos, há pouco tempo, retomar o Mercado Público; o Centro Vida, que é um espaço que pode acolher até 1 mil pessoas – em 16 dias, nós preparamos a infraestrutura. E assim nós estamos trabalhando com força máxima. Eu só tenho a agradecer a todo quadro de servidores da SMOI, que tem sido incansável e diuturno para fazer os trabalhos. Eu tenho certeza que nas outras secretarias o quadro é o mesmo, mas eu respondo pelo que eu lidero. Então a gente tem tratado como uma prioridade a retomada das escolas, sem prejuízo àquelas outras que nós estávamos terminando a manutenção e que agora retomamos algumas obras, por exemplo ali... (Problemas técnicos no

som.) ...Vamos iniciar agora, nos próximos dias, já fazendo a cobertura da escada, porque não deu tempo de fazer; com essa chuvarada, a empresa teve que parar as suas atividades. No período do alagamento... (Problemas técnicos no som.) ...não conseguiram os operários vir trabalhar.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Secretário...

SR. ANDRÉ FLORES: Falei rápido demais?... (Problemas técnicos no som.)
...Fico aberto a perguntas... (Problemas técnicos no som.)

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Está com um probleminha de sinal, está fugindo, mas é por causa do deslocamento.

SR. ANDRÉ FLORES: Estão me ouvindo bem agora?

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Sim.

SR. ANDRÉ FLORES: Não sei até onde me ouviram antes.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Ouvimos bem, só o finalzinho que ficou...

SR. ANDRÉ FLORES: Eu agradeço o espaço, eu me coloco à disposição. Então, em linhas gerais, é o que estamos fazendo; a gente pode, depois, conforme os questionamentos, entrar mais pontualmente nas dúvidas que eu imagino que existam, mas o cerne é que nós estamos colocando todo o empenho e toda a dedicação da Prefeitura, da secretaria de Obras – todos os órgãos estão trabalhando coligados –, para que os equipamentos, principalmente de saúde, educação e assistência social, possam operar *full* o quanto antes.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Secretário, eu queria aproveitar a sua presença, inicialmente, agradecer a disponibilidade de estar aqui conosco na comissão de Educação, até porque não tem sido usual a presença dos secretários, e, no primeiro momento em que a gente convidou a secretaria, o senhor se fez presente, então é importante deixar registrado isso nas notas taquigráficas, o respeito do secretário com o Parlamento e com esta comissão. E aproveitar para fazer alguns questionamentos em cima da sua fala: esse projeto da Ambev é uma contrapartida de alguma obra, de algum empreendimento da Ambev? Como é que surgiram esses R\$ 8 milhões, de onde vêm? E qual é a ideia do calendário da escola Liberato? Aproveitar e perguntar se tem algum calendário para a EMEI Vila Elizabeth, para a EMEF João Goulart e para a EMEI Miguel Velasquez, que ficam na mesma região. Também gostaria de saber como é que está o calendário da escolinha de educação infantil conveniada Mãezinha do Céu, que fica na Asa Branca. Também perguntar como está o calendário da escola Migrantes, qual é a ideia, que fica lá no bairro São João; também da escola Antônio Giúdice e da EMEI que fica ao lado, as duas são ao lado uma da outra, enfim, e atendem a mesma comunidade. Inicialmente, são essas as questões, se o senhor puder pormenorizar um pouquinho o que planejaram e qual a origem dos recursos para essas obras. Inicialmente, são essas as dúvidas que eu tenho.

SR. ANDRÉ FLORES: Está bem. Eu lhe agradeço, vereador. Esta é a terceira vez que eu venho à CECE. Quando eu não venho, vem o meu adjunto, mas nós fazemos o máximo de força para ter a maior representatividade possível nas comissões. Essa é uma orientação do prefeito, e eu busco atender da melhor forma. Eu lhe agradeço pela deferência, vereador. Talvez eu me esqueça de algumas das respostas, e aí o senhor me cobra, por favor. Sobre a Liberato Salzano, a expectativa é de fazer obras em 180 dias, mas elas vão tendo entregas parciais; começa pela educação infantil; depois, tem lá um pavilhão, onde tem o refeitório; depois, vai liberando o segundo andar, o refeitório; depois, o andar de baixo, a biblioteca e tal. Nós vamos fazendo todo esse processo, mas

ele vai tendo entregas parciais ao longo desse período. O dinheiro da Ambev. O dinheiro da Ambev é da Ambev, é uma doação que ela está fazendo para a cidade, por isso que a gente não está tão preocupado exatamente em estimar o valor, e mais em estimar o quantitativo daquilo tem que ser feito, quais são os padrões, os materiais, a qualidade da execução pra que eles possam fazer, mas não é contrapartida de obra nem de ampliação de nada, não é um TCAP... Não sei se é isso que o senhor quis me perguntar, mas lhe respondo concretamente o que estás me perguntando: são recursos da própria empresa, que desde o primeiro momento, também é justo que se diga, a escola estava com um metro de água ainda e eles falaram para nós: “A gente quer poder fazer uma obra, alguma coisa para ajudar na recuperação da cidade que seja significativo para a cidade”, e logo veio a ideia de recuperar a nossa maior escola do Município, uma delas. Nós temos duas escolas que têm segundo grau, a Liberato tem escola normal e também de formar formadores, uma missão muito nobre. Então a empresa se dispôs, e assim comprou a ideia junto com a gente. A gente ofereceu esse projeto e eles se interessaram e vão fazer às suas expensas. O senhor me perguntou também da escola Migrantes. A Migrantes é um caso bastante complexo, estive lá a nossa área de engenharia... E porque complexo? Em que pese não seja uma escola tão grande, a Migrantes é de madeira, as paredes internas e externas são de madeira e ela ficou quase 20 dias submersa, com 1,60 metro de água. Então pra que a gente possa, como direi, recuperar, nós temos que fazer... O que acontece: às vezes na madeira aparentemente não tem o oco, mas por trás ficou um oco, então está sendo feita uma análise dos materiais, foi feita uma vistoria inclusive junto com o diretor, o diretor bastante diligente e atuante, pra que a gente possa fazer uma avaliação, se se recupera a escola, se troca só as paredes externas, só as paredes internas... O fato é que a estrutura elétrica dela está bastante comprometida, e a estrutura hidrossanitária também. Então por essa questão nós ainda não temos um cronograma dela, ainda estamos fazendo o levantamento que deve ficar pronto, eu acredito, até o final da semana. Acho que foi na quinta ou sexta passada que foi feita a vistoria, o pessoal está fazendo alguns levantamentos de orçamentos,

de custos, porque também tem uma outra questão: a madeira ela está com um valor bastante alto e está difícil de encontrar a madeira pra gente recolocar no lugar. E também não teria como ficar mudando com metade da parede de madeira e outra metade placa de concreto ou coisa assim. Então, por essas questões nós estamos ainda fazendo uma análise do que é o mais eficiente nessa escola pela qual todos nós temos muito carinho, e eu especialmente, porque é uma das nossas ações aqui no período em que estou secretário de obras foi a liberação da Av. Severo Dullius, e ela fica aqui na ponta da Severo Dullius, e era onde nós fazemos as nossas reuniões da obra. O senhor me perguntou também da escola Antônio Giúdice, lá já se iniciaram alguns reparos e serão feitos mais. Eu agora de cabeça aqui não tenho o cronograma, mas todos eles estão pra que a gente, entre 30 e 60 dias, possa ter uma nova avaliação das entregas parciais. E o senhor me perguntou da Vila Elizabeth, eu vou lhe pedir uns minutinhos e vou mandar aqui pelo WhatsApp para ver como é que estão os reparos e o cronograma dessas escolas. Essas eu confesso que eu não vi ainda como é que foi o impacto nelas, mas eu vejo as três escolas agora.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Isso, são no Sarandi ali, porque alagou até o teto delas. As que ficaram 30 dias submersas.

SR. ANDRÉ FLORES: Essas eu não vi ainda porque eu não tive ainda o retorno da nossa área. Nós temos a nossa área lá de obras da secretaria de educação, mais os nossos engenheiros e arquitetos temporários estão mobilizados nessas contratações. Eu sei que a secretaria de educação também fez algumas contratações, mas eu vou me informar e lhe retorno com a informação mais precisa das escolas aqui da Vila Elizabeth, no Sarandi. Eu lhe confesso que não sei de cabeça, mas eu já me informo, e aqui enquanto for rolando a reunião eu vou me informando e lhe dou um retorno.

SRA. PAULA SIMÕES DUTRA DE OLIVEIRA: Inclusive, desculpe interromper, só que eu acho pertinente... Meu nome é Paula Simões, eu sou defensora pública. Desculpe interromper, secretário, vereadores. Em relação à questão da escola Miguel Velasquez, eu estive lá na semana passada e seria importante, secretário, verificar, porque a diretora apresentou uma alternativa de curto prazo pra que houvesse a retomada de três turnos de 4h ali no espaço anexo, enquanto a escola é submetida a essas obras. Porque o prazo que ela informou teria sido muito elástico, e essa possibilidade intermediária seria uma opção interessante para as crianças do bairro. Então se o senhor puder verificar também essa possibilidade desse anexo iniciar as atividades ali, seria importante, eu acho que acrescentaria bastante para a discussão.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Desculpe, defensora, o que faltaria para o anexo funcionar, já que vocês...

SRA. PAULA SIMÕES DUTRA DE OLIVEIRA: O que acontece, existe o prédio da escola e um prédio anexo que é feito dum material que não foi atingido porque é como se fosse aquelas placas de veículos.

SR. ANDRÉ FLORES: Cimentício.

SRA. PAULA SIMÕES DUTRA DE OLIVEIRA: É. Então o que ela me disse é que ela precisaria colocar algumas divisórias, organizar aquele espaço, e ela conseguiria em curto espaço de tempo receber crianças em três turnos de 4h. Uma das questões que a diretora colocou e que eu achei muito importante e muito pertinente é: "Nós precisamos tentar resgatar o mínimo de normalidade." Então a retomada, mesmo que seja por um turno de 4 horas, que é inferior ao que normalmente a escola atende, que é um turno integral, já é algo para aquelas famílias. Por isso que eu acho importante também verificar essas alternativas provisórias e essa alternativa dessa escola, eu achei muito interessante porque, inclusive as crianças vão ter acesso ao pátio, acesso aos lanches que são

encaminhados. Ela diz que já tem toda uma estrutura montada, ela só precisaria realmente dessa estrutura física, para iniciar os trabalhos ali. Obrigada.

SR. ANDRÉ FLORES: E elétrica também, não é?

SRA. PAULA SIMÕES DUTRA DE OLIVEIRA: Elétrica, para mim ela não comentou. Ela me falou muito da questão física ali.

SR. ANDRÉ FLORES: É que as divisões também prescindem de a gente fazer a elétrica, para cada uma dessas divisões. Mas é isso. Eu já pedi aqui as informações eu lhe passo certinho também daqui alguns minutos.

SRA. PAULA SIMÕES DUTRA DE OLIVEIRA: Está *ok*. Obrigada e desculpe interromper.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Secretário, eu gostaria de fazer uma pergunta, a gente sabe que muitas empresas e pessoas que trabalham na construção civil também foram atingidas, estamos tendo alguma dificuldade em conseguir realizar a compra de materiais para essas reformas e mão de obra ou está tudo tranquilo?

SR. ANDRÉ FLORES: Assim, materiais não tenho notícia que tenha sido um problema, onde nós estamos com mais dificuldade são nos equipamentos. Então o que acontece? Há uma busca muito grande por equipamentos tipo caminhão munck com cesto que é para arrumar telhado. É difícil, às vezes, se conseguir. E aí tu tens que ter o caminhão munck com trabalhador habilitado para trabalhar em altura. Isso a gente tem dificuldade, entende? Mas questões como cimento e telha, isso não tem sido uma dificuldade nossa. A nossa dificuldade tem sido assim em equipamentos mais especializados. Isso nós temos tido mais dificuldade. As empresas têm tido mais dificuldade, por exemplo, outra especialidade que está em falta são os eletricitas, os engenheiros elétricos e

eletricistas, a gente tem tido mais dificuldade porque todo lugar que alagou precisa refazer a rede elétrica, e trocar disjuntor e tal. Então é uma demanda gigante; nós estamos competindo, é uma série de domicílios, prédios e empresas. Então, claro que nós temos tido alguma dificuldade nisso. Mas de materiais assim não tem sido tanto a nossa dificuldade.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Maravilha. A Sra. Luciane Congo, representando a ATEMPA, está com a palavra.

SRA. LUCIANE CONGO: Boa tarde a todos e todas, é importante esse momento aqui de poder estar discutindo na Comissão de Educação sobre a questão da restauração das nossas escolas, muito atingidas pela crise climática entre outras questões. Nós, da ATEMPA, iniciamos as visitas nas escolas atingidas, ontem estivemos nas escolas do Sarandi, na Escola Municipal de Educação Básica Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, na EMEF Presidente João B. M. Goulart, na Vila Elizabeth e na EMEI Miguel Granato Velasquez. Percebemos que as escolas estão em níveis bem diferentes, até em relação à própria limpeza inicial. A gente esteve lá na Miguel Velasquez, essa questão que a defensora nos colocou aqui é uma realidade, a escola, apesar de já estar na parte da limpeza pesada, ela não tem a mínima condição de iniciar, de retomar no seu prédio, a possibilidade seria o prédio anexo. A questão da EME Liberato, eu não sei se eu entendi que o senhor falou numa possibilidade do segundo andar, pelas informações ali, por isso que a gente também está aqui para saber a questão do calendário. As escolas não teriam condições de atender só no segundo andar, com obra no primeiro andar. A gente, provavelmente tem ali na no caso do Liberato a educação infantil que foi toda atingida, e o primeiro andar ali que teria que iniciar uma obra, como é que seria... Eu não sei se é o senhor que responde ou é a própria SMED que também está aqui presente. Eu quero pedir também um detalhamento em relação a isso, por exemplo, na João Goulart que parece que está bem menos adiantado, a própria questão da limpeza, e da Vila Elizabeth, as outras escolas do Humaitá, da ilha que o senhor já colocou; São João que é

o Migrantes; São Geraldo, a questão lá do Patinho Feio. Então, nesse sentido de ter mais nitidez sobre esse processo de restauração das escolas, de devolver as escolas para a comunidade escolar o mais rápido possível, como é que está esse processo e esse calendário da Prefeitura, e também as alternativas e as perspectivas em relação ao atendimento. Essas perguntas que eu teria.

SR. ANDRÉ FLORES: Luciane, eu te peço desculpa, acho que talvez não tenha sido claro no que eu disse e vou tentar de novo. Assim: na Liberato, nós já conversamos para fazer as reformas para que a gente possa ir tendo, ao longo do processo, entregas parciais. Por isso que eu falei que lá é um prédio lateral ali, da educação infantil, nós tínhamos gasto, tínhamos tirado aquela árvore que estava com as raízes entrando na sala da educação infantil, tínhamos trocado todo o piso e agora vamos ter que fazer de novo ali – aquele piso estava tão bonito – na educação infantil da Liberato. Então, ao liberar, ao haver a possibilidade de que os alunos e os pais entrem em segurança e possam estar ali na área da educação infantil, enquanto houver a obra no prédio maior, a gente vai liberando. O que eu falei do segundo andar é que no segundo andar tem a parte de telhas ali, e alguma coisa de forro, e, ao liberar o *hall* de entrada e o refeitório, nós poderíamos estar fazendo obra naquelas salas lá de trás e já ter aulas no segundo andar. Era essa a questão, ou a biblioteca também, que fica mais ao fundo, mas obviamente tem que estar junto com o *hall* de entrada ali do prédio para que as pessoas possam acessar o segundo andar e a escadas. Essas entregas parciais, na medida do possível, serão feitas, porque nós temos um ano letivo que é difícil acomodar todas as séries num lugar. Quando uma escola é muito grande, é diferente, por exemplo, da Miguel Velasquez, como como falava a defensora, onde a gente consegue acomodar a Liberato, até porque não tem como acomodar, essa maior escola, num outro lugar, inteira. Então nós temos que particionar essa acomodação e isso gera também dificuldades para as famílias, tem que fazer um deslocamento, às vezes tem mais de um filho na escola, e aí tem que buscar um filho num lugar e outro filho

no outro, também gera um problema. Então para que a gente possa diminuir esse impacto, na medida que for possível, nós vamos fazer entregas parciais. Eu me esqueci qual foi a outra escola que a senhora perguntou... Da João Goulart, eu vou pegar a cola que me mandaram aqui. Nós mandamos, já fizemos avaliação das escolas, a SMED contratou a limpeza, fez a contratação da limpeza e alguns reparos gerais, mas o que nós estamos encontrando, na medida em que vai sendo feita a limpeza e vão sendo feitos alguns pequenos reparos, nós vamos encontrando outras complexidades, coisas mais estruturais que não tem como a gente ver antes de ser feita toda a limpeza. Esses primeiros reparos, na questão de, por exemplo, assim, temos que fazer o hidrojateamento das redes sanitárias, porque acabou, como a água ficou muito tempo, quando desceu tem muita areia e terra nas redes de esgoto, tanto cloacal quanto pluvial, e aí nós temos que fazer esse hidrojateamento, e alguns outros problemas estruturais que só aparecem na medida que nós vamos retirando e fazendo essa primeira limpeza. Então a gente, claro, está fazendo todo o esforço para retornar o quanto antes, só que, hoje, dizer um calendário, é com baixo grau de precisão, não por falta de esforço, não por falta de investimento, mas justamente pelas decorrências de tu fazer, nós estamos ainda quase que avaliando esses impactos, porque o os impactos, mesmo quando a gente já está executando os serviços, aparecem novos impactos dessa enchente. Não sei se ficou claro, para mim é claro, mas à medida que tu vais tirando a água, vai tirando o lixo, vai trocando os disjuntores, vão aparecendo outros problemas que era impossível a gente ver enquanto não tivessem sido feitos esses primeiros serviços, que já estão sendo feitos em praticamente todas as escolas... (Ininteligível.) ...quatro não foram iniciadas.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Uma reforma é sempre mais complicada do que começar do zero, sempre vão aparecendo outras situações que são inesperadas.

SR. ANDRÉ FLORES: É, porque, assim, por exemplo, onde tem ferro nós temos que olhar onde foi que houve corrosão; por exemplo, onde tem madeira tem mofo, mas nem sempre o mofo já está aparente, ele pode aparecer e inchar alguns dias depois que a gente esteve lá, depois que a gente limpou. Então isso tudo, na medida em que a gente faz a limpeza, nós vamos vendo com maior clareza os danos no piso por exemplo, então vão aparecendo outras coisas. Então o que nós temos que fazer é estar atacando com toda a força que nós conseguimos nesse momento, para poder ter uma clareza maior de calendário, mas o calendário, hoje, eu não, e tenho certeza de que o secretário Maurício também não, não gostaria de me comprometer nesse momento, porque ainda não é possível ter toda clareza sobre o impacto nas escolas. O que nós estamos fazendo é empenhando todo o esforço possível nesse momento para ir atacando os problemas para aí sim poder ter uma clareza maior. É o que eu falei da escola Migrantes, nós vamos precisar de mais alguns dias para ter certeza dos impactos da água lá nessa madeira das paredes, isso então hoje nós não temos como dizer, com alguma precisão, o tempo de reforma daquela escola.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Mais alguém gostaria de fazer uma manifestação? A Bete pediu a palavra, por gentileza.

SRA. CINDI SANDRI: Estamos em dupla aqui, eu e a Bete, sou diretora-geral do sindicato e queria fazer breves considerações aqui também, aproveitar esse momento, além de agradecer à CECE que nos convidou, aos vereadores e às vereadoras que compõem a CECE, também ao secretário e às representações da SMED que estão presentes aqui, entendo que há possibilidade de a gente trazer as nossas preocupações e as nossas dúvidas e ter esse momento de escuta da procuradora também, perdão, defensora. Nós estamos cada vez mais nos envolvendo tanto nessas questões dos espaços de mediação que a gente acaba confundindo. Mas, enfim, o que seria importante também a gente trazer para esse debate aqui é o fato, secretário, que nós temos as escolas que foram totalmente atingidas pela enchente, as escolas que foram parcialmente atingidas

pela enchente e as escolas que ou estão nesses dois primeiros grupos ou continuam com uma grande dificuldade estrutural de fazer com que as atividades permaneçam – permaneçam não – retornem às suas condições normais. Eu vou tratar um pouco desses dois primeiros grupos, quero ver se consigo chegar no terceiro. Desses dois primeiros grupos, infelizmente, nós temos outras regiões da cidade que foram bastante afetadas. Nós temos, por exemplo, ali no entorno do Centro Municipal de Cultura, Ipiranga com Cascatinha, a Tio Barnabé, nós temos o Cantinho Amigo. E digo aqui, Manoel, com toda solidariedade a vocês, a situação que está a escola de vocês e que não sabemos – pelo que o secretário está dizendo – quando é que vai ter algum retorno possível, infelizmente. Isso para nós é uma informação bastante difícil de ouvir, porque entendemos o quanto isso reflete e repercute não só na condição dos alunos, e a suspensão das atividades escolares, mas também em relação aos funcionários, em relação aos familiares e o quanto isso repercute na vida da comunidade que foi afetada por essa situação. Trago, por exemplo, a Tio Barnabé, trago o Cantinho Amigo, como eu já citava. A Tio Barnabé, até hoje, não tem nem início de limpeza, e Cantinho Amigo, a mesma situação. E o que aquelas comunidades estão vivendo? A transferência de local de atendimento: a Cantinho Amigo para dentro da escola militar, ali na José Bonifácio e a possibilidade da Tio Barnabé ir para dentro de um dos espaços do Instituto de Educação. E o quanto isso significa efetivamente, objetivamente na vida das famílias, além dos funcionários, funcionárias, professores, monitoras que têm que fazer um reordenamento na sua vida, mas também especialmente, avaliando por esse ângulo, o quanto isso significa de desorganização e necessidade de reorganização imediata e urgente das famílias. Vejam, por exemplo, a sugestão dada, a possibilidade dada pelo Miguel Velasquez de fazer três turnos, haja condição antecipadamente de organização das famílias para poder acontecer esse atendimento. Então, vejam o tamanho do impacto que isso está gerando na vida das comunidades que foram afetadas, o espaço escolar, o prédio escolar que foi afetado. Nós temos, sim, a necessidade de ouvir mais a SMED, de ter mais espaços de diálogo para que a gente possa dar conta de trazer a contribuição nesse debate, para que

essas questões possam ser vistas de forma mais urgente, serem tratadas mais emergencialmente. Porque, quando a gente fala desse tipo de situação, nós estamos falando do impacto que, se durar dois meses, três meses, quatro meses, para ter objetivamente alguma solução, nós estamos falando de uma alteração em 100% significativamente na vida de todas essas pessoas. Então, além da questão do prédio, nós temos essa situação também que tem que ser levada em consideração. Estamos falando de escolas também que não viveram o processo de alagamento por um lado bem, mas, por outro lado, continuam com dificuldades. A Escola Emílio Meyer, por exemplo, continua com uma grande dificuldade de dar conta de ter, na sua estrutura, condições de fazer um atendimento adequado. Não precisa alagar, basta começar a chover muito forte, vocês sabem muito bem disso. Estou trazendo só um exemplo para não encompridar demais a minha intervenção, trazendo tantos exemplos assim. Então, a gente vive historicamente, na rede municipal de ensino, uma grande dificuldade de manutenção dos prédios escolares, e o quanto isso somente, infelizmente, agravou com o alagamento, com a enchente e o quanto destruiu alguns prédios escolares. E a gente não consegue ver hoje, por parte da Prefeitura Municipal, uma expectativa que seja mais concreta no sentido de dar uma solução definitiva para isso. Os parceiros que hora oferecem contrapartida de alguma forma ou não por parte da Prefeitura, eles são insuficientes. Nós estamos enxergando aqui, secretário, que, além de quanto mais mexe na estrutura que foi afetada pelo alagamento, mais se percebem outras questões que precisam ser reformadas e consertadas, também a falta de profissionais, o desmonte que foi realizado em todas as estruturas do Município: nas obras, na limpeza, no DMLU, no DEP – Departamento de Esgotos Pluviais. Enfim, tudo isso hoje está potencializado a partir desse episódio dessa calamidade da enchente que, infelizmente, não é só ambiental; é política também. A gente tem que levar em consideração o fato de que houve definições, decisões de priorizações que não estavam exatamente contemplando a necessidade da reforma e da manutenção desses prédios escolares, e o quanto isso está afetando a vida das pessoas. Trago um último exemplo aqui para vocês terem

uma noção do que significa exatamente todas as consequências desse processo, dessa calamidade: a Escola Aramy Silva, por que ela não está conseguindo retornar ao trabalho? Porque o prédio dela serviu de abrigagem e tem uma infestação de pulga lá dentro. Três empresas foram lá fazer a higienização e até agora, pelo que eu entendi, de ontem, da colega que nos relatava, ainda não deu solução para isso. Então o que está exatamente faltando? Por que exatamente o governo municipal está demorando tanto para dar respostas? Por que exatamente algumas escolas não têm hoje, depois de quantos meses, quantos dias que aconteceu essa calamidade, quanto tempo elas ficaram embaixo d'água? Quanto tempo ainda vai faltar para elas retomarem a sua atividade presencial normal? Eu acredito inclusive, espero que eu esteja enganada, equivocada, que em algumas situações a chance de elas retornarem para o endereço antigo é muito pequena. A chance é muito pequena e aí significa alteração inclusive da clientela que é atendida, da comunidade escolar que é atendida. Porque a comunidade escolar que era atendida na Tio Barnabé, porque não é só filho de funcionário que foi que é atendido lá, são filhos da comunidade do entorno, não vai se deslocar até o Instituto de Educação, se permanecer lá o atendimento. Da mesma forma que a comunidade do Cantinho Amigo, que é ali do entorno do Tesourinha, não vai se deslocar todos os dias lá para o Colégio Militar. Vai chegar o momento em que o que vai acontecer é a evasão desses alunos. É insustentável por falta de transporte, é insustentável por falta de estrutura, por falta de condição, inclusive como o senhor mesmo relatava, secretário, da assistência social e da saúde que também estão precarizadas, também foram desmontadas. Então essa é a situação da cidade de Porto Alegre hoje, e infelizmente a gente está vendo aqui que nós não temos efetivamente um calendário de solução para cada uma dessas situações que foram atingidas pelo alagamento, pela enchente ou foram potencializadas pela enchente, porque estavam antes com graves problemas de manutenção predial. Era essa a contribuição que eu queria deixar. Muito obrigada.

SRA. BETE CHARÃO: Só um complemento, especificamente isso que a Cindi falou sobre o medo da evasão escolar, porque esse público, especificamente o público da educação infantil é um público que necessita de uma adaptação ao seu local, aos seus profissionais que atendem, e com essa troca, essa insegurança de onde serão atendidos, a questão do deslocamento, dentro desse público, tem público da educação especial. Então nós sabemos da dificuldade da adaptação, a falta de recursos humanos, e isso o Simpa já tem historicamente denunciado. Então o Simpa também já tem denunciado a questão estrutural das escolas, escola como a Ponta Grossa, há muito tempo a EMEI da Ponta Grossa tem rachaduras, inclusive com adesivo lá de 2017, 2018 para ver o aumento dessa situação. Então é uma coisa que atinge a família que vai sair da sua rotina, sim, atinge o profissional, porque muitos profissionais ainda estão também vítimas das enchentes e não estão em condições físicas e psicológicas de voltar ao local de trabalho. Então, mesmo escolas que não foram atingidas pela enchente estão, sim, com dificuldade de seguir o ano escolar porque não têm profissionais suficientes. Já havia uma falta de profissionais e com a enchente potencializou isso. Então qual é o planejamento para resolver essas questões que já são históricas, mas que agora têm uma questão emergencial de serem resolvidas? Porque a população de Porto Alegre paga os seus impostos, tem direito a esse atendimento, e a cobrança vem também para o Simpa e vem para a Prefeitura de Porto Alegre, porque nós acabamos sendo intermediários dessa situação, porque nós estamos lá na ponta. Nós estamos nas escolas, nós estamos nos postos de saúde, na assistência social, e a cobrança vem, sim, para o servidor público que, além de outras questões que nem são assunto aqui, que é a questão da valorização do profissional, mas nós não temos condições arquitetônicas de trabalhar, nós não temos a garantia do serviço. Então qual é o planejamento da SMED e do governo atual para isso?

SR. ANDRÉ FLORES: Primeiro quero dizer que eu tenho um carinho enorme pela nossa rede municipal da educação, são 99 escolas só na nossa rede direta, quase mais um pouco disso na nossa rede conveniada. Sou filho de uma

professora da rede municipal que tomou a chamada aposentadoria expulsória, porque completou a idade, não podia mais dar aula e mandaram ela para casa para cuidar dos netos, porque se não a minha mãe estava na sala de aula até hoje. Então eu tenho muito carinho e cuidado, talvez não por só por isso, mas, durante essa gestão, nós empenhamos, por orientação do prefeito, os maiores esforços. A senhora falava sobre a manutenção histórica dos prédios, antes toda manutenção ficava a cargo da SMED, numa unidade própria, e em alguma parte também com as diretoras, e por uma série de dificuldades estruturais porque as diretoras são especialistas na matéria pedagógica, não na gestão, digamos, predial, e por isso acabou. Eu não estou culpando de forma alguma as diretoras, mas porque nisso se identificou uma necessidade de fazer uma gestão mais especializada nos prédios. Então já no ano de 2022 nós iniciamos um processo longo e grande de vistoria em todas as escolas da rede municipal para que a gente pudesse fazer a avaliação daquilo que era emergencial, daquilo que era a médio e maior prazo para poder fazer uma retomada. Nós encontramos, de fato, uma rede com muitos problemas estruturais, alguns até de segurança, muito problema elétrico, muita dificuldade no fornecimento de água, escolas sem caixa d'água, ou caixa d'água insuficiente, ou caixa d'água com risco de cair, como foi lá na Villa Lobos, que nós retiramos. Feita essa avaliação e feito esse mapa de grau de urgência e de risco, foi feita uma série de contratações. A primeira delas foi de quase R\$ 3 milhões, R\$ 2,8 milhões, que era da reforma elétrica das escolas. Nós prezamos por aquelas escolas que não tinham capacidade elétrica para receber os equipamentos que lá estavam instalados, como as telas, ou que a parte elétrica colocava em risco a estrutura da escola, estava muito velha ou tinha algum risco, por isso foi feita uma primeira reforma. Depois foi feita uma contratação, aí já dividida pelas cinco regiões de educação, de mais R\$ 8 milhões, e foram feitas reformas nas escolas... (Problemas técnicos no som.) ...aí mais focado em questões estruturais, telhados e coisas... Além disso, já tem um contrato de R\$ 10 milhões, que é para fazer os projetos de PPCI, que as escolas não tinham, muitas, um bom número não tinha projetos de PPCI atualizados, pelo menos. Nós tínhamos para fazer projetos estruturais e reformas

maiores, também cálculo de água, de reservatórios de água que precisam ser contratados. Além disso, nós fizemos uma licitação, e essas já contratadas, então, as reformas elétricas, as reformas emergenciais nos projetos já contratados. Nós fizemos uma licitação de R\$ 85 milhões, que, agora, atualizando, vai dar um pouquinho mais, chega a quase R\$ 90 milhões, para fazer a reforma das escolas. É uma reforma mais ampla de todas as escolas do Município. Nessa contratação, já foram abertos os envelopes da segunda fase, mas, assim, eu digo “infelizmente”, porque a contratação pública, ela precisa passar por uma série de ritos, o que acaba fazendo com que ela seja mais demorada. Nós estamos desde outubro fazendo essa licitação, entre terminar o projeto básico, mandar a publicação, é impugnada, houve recurso, enfim, tudo o que vocês sabem sobre as contratações públicas. Foi aberta, na última sexta-feira, às 10 horas da manhã, a segunda fase de envelopes, já temos as empresas com menor preço, e agora vai para a fase de se as empresas desejam, ou não fazer recurso. Normalmente, não há recursos nos preços, mas pode haver, e, com isso, vai ser homologado. Nós temos o contrato, as empresas de maior porte contratadas para fazer essas reformas que a senhora falava. Ainda tem mais uma outra licitação, mais R\$ 8 milhões, que é para compra e instalação das caixas d’água. É uma estrutura que vem pronta e é instalada para as escolas que hoje não têm autonomia de água. Então, tu imaginas, tem uma escola lá com... puxa, me esqueci do nome, ali da Bom Jesus, na Bom Jesus é o Fátima e a outra é o... Puxa, esqueci o nome da escola da Bom Jesus agora, a caixa d’água era insuficiente, ela tinha dois ou três mil litros... O próprio Liberato, o Liberato tinha dois mil litros, mas quase 1,7 mil alunos, precisava ter quarenta mil. Para que a gente possa colocar caixas d’água em tamanho e número suficiente nas escolas. Esses são os investimentos que esta gestão está fazendo em educação, está se comprometendo em fazer não só na educação, mas na infraestrutura, nos prédios públicos de educação. Não tenho notícia de algum investimento maior e tão organizado na SMED. Estamos fazendo isso para garantir a qualidade. Dentro disso, havia esse planejamento e, claro, com todas as dificuldades que a gente tem das contratações públicas, dos seus tempos

legais inclusive. Digo isso para complementar essa sua manifestação no sentido de que há sim investimento e há sim uma organização para que esses investimentos sejam feitos, e a garantia dos recursos, porque, pela lei das licitações, tu não podes licitar, se não há recurso que suporte, se não há previsão no orçamento que foi votado. Se tivéssemos conseguido fazer a licitação antes, em março, como era a nossa expectativa, só este ano seria algo como R\$ 35 milhões investidos em educação. Por conta do tempo da licitação, talvez a gente não consiga investir tudo isso neste ano.

Dito isso, vamos à questão das escolas. Não é que não há um plano, que não há nenhuma expectativa, é que eu não gostaria de hoje comprometer um tempo e, ali na frente, esse tempo não se concretizar, porque, é como diz a senhora, a gente cria uma expectativa nas professoras, nos pais, nos alunos, quando hoje nós não podemos afirmar, não é por falta de... (Ininteligível.) ...é porque há uma impossibilidade de afirmar com segurança ou com um grau maior de certeza esses prazos. As escolas foram atingidas por um fenômeno climático extremo que acometeu o nosso Estado, como não acontecia há 80 anos, e como não há precedente de volume como nessa vez. Nós enfrentamos um período mundial de eventos climáticos extremos. Nós estamos vendo no Pantanal, nós estamos vendo na Alemanha, na Suíça, na América Central, mas nós moramos em Porto Alegre e precisamos lidar com essas consequências na nossa capital. Nesse sentido, a gente está fazendo todo o esforço possível, e, talvez em 15 dias, eu possa ter um calendário com mais precisão, só que hoje seria até irresponsável da minha parte afirmar um cronograma que a gente não tem certeza se vai cumprir. Não seria transparente, eu prefiro ser transparente com vocês. E olha, nós estamos trabalhando, nós estamos colocando, nós temos 23 profissionais diariamente atuando com isso, mas nós não temos, hoje, como precisar, por uma série de outras decorrências, e cada escola tem a sua história, mas existem dificuldades de ordem técnica que nos impedem de afirmar um cronograma, e a SMED afirmar um cronograma errado também atrapalha todo o planejamento pedagógico, planejamento de adaptação das famílias. Então a gente prefere, neste momento, não afirmar um cronograma para poder também lidar com essa

informação de maneira transparente, não é possível, neste momento, não por falta de esforço, não por falta de investimento e não por falta de efetividade, mas sim por uma questão técnica que nos impede, neste momento, de afirmar um cronograma com mais clareza.

Foram feitos diversos investimentos, e eles estão atrasados, deveriam ter sido feitos ao longo dos anos, mas neste momento nós estamos fazendo pesados investimentos na área de educação, e esses investimentos estão acontecendo, estão previstos e acontecerão ainda mais, mesmo na rede que não foi atingida diretamente, digamos assim, pela enchente. Nessas atingidas pela enchente nós precisamos um pouco mais de cronograma; nas outras escolas, nós temos a licitação de R\$ 85 milhões que, à medida em que for julgada, nos derem ordem de início, nós imediatamente vamos trabalhar nessas escolas, nessas rachaduras, telhados, e tem escolas em que é necessário mudar toda o QGBT, que é o quadro geral de baixa tensão, porque nas escolas, quando, lá atrás, 15, 20 anos, foram feitas as últimas reformas elétricas, nós não tínhamos ar-condicionado, havia menos computadores, não havia telas interativas, isso tudo cria uma demanda elétrica nas escolas que nós precisamos alterar, mas para poder fazer isso... Vários vereadores – e é meritório –, fazem uma emenda: “Vou mandar um ar-condicionado para cada sala”, e são mandados para a escola, só que a escola não tem capacidade elétrica de receber isso, então nós estamos preparando as escolas para uma capacidade ainda maior, mas isso é um contrato grande, com todo um planejamento que nós vamos fazer. Há um investimento previsto bem significativo, e isso ocorrerá tão logo a gente tenha concluído a licitação. Não sei se me alonguei demais, mas espero ter respondido.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Nós temos alguns inscritos aqui e algumas perguntas, mas eu gostaria primeiro de fazer uma pergunta bem pertinente: a gente sabe que nós estamos vivendo num momento praticamente de guerra, as cenas que a gente viu, quem andou pela cidade, como eu andei na Zona Norte, Humaitá, Sarandi, nas Ilhas, viu um cenário de guerra, e a gente sabe que agora vem um período também de chuvas, um longo período de

chuvas no inverno, sabemos que obra com chuva é muito complicado, a não ser que seja obra interna, mas mexer na estrutura externa de uma escola é bastante complicado num período de chuvas. A minha pergunta é se alguém já sugeriu ou já pensou em fazer um compartilhamento com outras escolas que não foram atingidas para atender a comunidade que está desassistida agora, essas escolas, ou quem sabe – nós tínhamos 170 abrigos, mais ou menos, em Porto Alegre, era isso? – a gente utilizar o espaço dos abrigos que já estão sem uso, muitas pessoas já retornaram para as suas casas, e esses abrigos estão livres, estão à disposição; montar escolas nesses abrigos? Houve uma professora, uma diretora que sugeriu colocar lá divisórias e fazer salas, não teria condições de fazer emergencialmente para que esses alunos não fiquem tanto tempo sem estar numa sala de aula? Colocar dentro desses abrigos, dentro das suas comunidades, para que não haja um deslocamento. Seria essa a minha a minha colocação.

Depois temos a... (Ininteligível.) ...está inscrita, eu gostaria que ela colocasse o nome e a entidade que ela está representando, e depois duas perguntas do Felisberto. Quem poderia responder as minhas questões? SMED?

SRA. LUCIANA: Acho que teríamos que ver quais são as perguntas, e quanto essa tua fala agora, vereador, o diretor Manoel pode falar um pouquinho, porque a escola dele vai ser acolhida em outra escola.

SR. MANOEL JOSÉ ÁVILA: Boa tarde a todas e a todos. Eu tenho duas expectativas ao entrar nesta reunião: a primeira é de fazer uma escuta atenta das questões que foram apresentadas e especialmente das respostas de quem está responsável por tratar dessa questão mais diretamente, como os secretários, a Luciana, representantes da SMED, enfim; a outra expectativa que eu que tinha, e mantenho, ao entrar na reunião é de tentar desenhar um quadro, mais do que fazer qualquer juízo, do que fazer qualquer é ilação a respeito das ações que são tomadas, tentar desenhar um quadro. A Cindi, como sempre, foi muito generosa, prestando sua solidariedade, porque sabe, conhece a situação

em que nossa escola se encontra. A gente passou 38 dias embaixo d'água, desde o dia 4 de maio até o dia 8 de junho, quando entrou água na escola até o dia em que finalmente a gente conseguiu acessar, porque as ruas ao redor da escola permitiram entrar. Basta isso para dizer, ou tentar dizer que a situação da escola é deplorável, que a gente vive uma situação de destruição total. Só não é total, porque a escola é constituída de alguns prédios com dois pisos, e a água não alcançou o segundo piso, ela ficou no último degrau da escada que leva para o andar superior e portanto preservou-se o segundo piso. Já vi que teve uma discussão, infelizmente, não cheguei bem no horário, mas já tinha uma questão sobre o segundo piso da Liberato, usa ou não usa. A gente tem uma situação em que tem um segundo piso lá que precisa de reparo, que precisa de atenção, que precisa de cuidados, mas que enfim não foi afetado tão diretamente pela água, como foram os andares térreos da escola. Tentando ainda desenhar a situação da escola, eu estou falando na frente da Rosele – acabei pulando a tua vez, Rosele –, porque as perguntas do vereador, uma delas, e a Luciane encaminhou essa condição, uma delas toca diretamente a nós. Eu imagino que muita gente acompanha e quem está aqui especialmente acompanha, mas me sinto à vontade para tentar descrever um quadro de quem está dentro dessa situação como gestor da escola e como membro de uma equipe diretiva que não dirige a escola sozinho. A gente tem uma equipe diretiva, um conselho escolar que também é muito preocupado com as condições de atendimento, com as questões pedagógicas, enfim, e com a manutenção predial da escola especialmente. A gente hoje vive uma situação de ter que atacar em três frentes. Eu acho que nenhuma delas têm prioridade, têm relevância maior sobre as outras, mas são pelo menos três frentes. A primeira frente é uma das que está sendo tratada aqui com mais dedicação que é a questão predial, a questão da recuperação do prédio, da avaliação das condições em que a escola se encontra hoje. O secretário André apontou a complexidade dessa situação e, de fato, é muito complexa. A nossa escola, ela já vinha elencada pela Unidade de Projetos da SMOI, para uma série de obras que a gente hoje, nesta situação muito complexa, fica tentando avaliar, se elas são pertinentes de serem feitas agora,

uma vez que a escola vai precisar de fato de uma manutenção em regra, ou, se enfim a gente faz só a meia-sola para depois fazer o serviço mais completo. A gente tem caixa d'água de amianto ainda. As caixas d'água da escola são de amianto, elas desprendem material, e esse material está saindo na torneira dos bebedores, onde as crianças tomam água. A gente tem algumas questões prediais estruturais que também são antigas e que agora estão muito mais corrompidas em função dessa ação da água ao longo desse tempo. Precisa de uma vistoria que ainda não foi feita, e eu tenho quase certeza de que essa vistoria vai indicar que alguma coisa ali, para além do estrago da água, também precisa ser feita, mas já estou inferindo aqui. Essa é uma das frentes, a nossa preocupação com a limpeza, com o descarte, com a questão patrimonial desse descarte que não é uma coisa fácil, nem deve ser tratada com pouco zelo, porque tem muito equipamento eletrônico que foi... Algum equipamento eletrônico que inclusive estava ainda para ser usado, que não tinham sido usados os últimos *notebooks* que chegaram na escola há um mês e meio, dois meses, estavam encaixotados. Então a gente tem que pensar ainda inclusive isso, eles ficaram embaixo d'água.

A segunda frente, a questão pedagógica, isso diz respeito ao que o vereador perguntou. A gente, ao mesmo tempo que tem que olhar para a questão do prédio, está olhando também para a atenção aos nossos alunos, à nossa comunidade que igualmente a escola, talvez mais até que a escola, foi muito afetada. Dispersou-se, está espalhada pela Região Metropolitana, para além da Região Metropolitana, a gente tem solicitação de transferências de crianças que estão com as suas famílias no litoral do Rio Grande do Sul, no litoral de Santa Catarina e que já constituíram uma outra vida lá nesse espaço; portanto estão sendo transferidos, essa é uma preocupação, a evasão que a gente vai experimentar na escola. Do outro lado, a gente já tem muita notícia de muita família, isso de fato é muito preocupante, porque, do ponto de vista pedagógico, vai ser uma, me permite dizer, uma bagunça esse ano letivo. Tem família que diz “olha, a gente gosta muito da escola, professor” e fala com a nossa secretaria que está trabalhando *online*, está trabalhando remotamente e diz: “Olha, estou

saindo da escola até eu terminar de limpar minha casa, até eu terminar de reformar minha casa, coisa que vai acontecer daqui a dois meses, três meses, quatro meses, mas então preciso uma transferência para o meu filho, a minha filha estudarem na escola onde eu estou morando perto. Mas tão logo que a escola abra, eu vou de novo transferir ela da escola onde estiver, porque eu volto a morar aqui no Sarandi, na Vila Elisabeth e quero matricular de novo ela na Presidente João Goulart, no CIEM”, como a gente é conhecido lá na comunidade, que é um formato da escola lá na sua construção. Então essa é uma das frentes, está ligada a isso a necessidade que a gente viu, de atividade remota, então a gente está organizando atividades para o atendimento remoto dessas famílias e, ao mesmo tempo, está pensando também numa oportunidade, que é isso que a Luciane aponta. Nós vamos iniciar, na próxima segunda-feira, um atendimento num local provisório, distante da nossa comunidade, numa coisa que a gente reputa como quase uma aventura e espera que os alunos também vejam isso como uma aventura, como forma de motivá-los a estudar, porque a gente vai ter transporte saindo do Centro Vida, saindo lá da região da nossa escola...

(Manifestações sobrepostas. Ininteligíveis.)

SR. ANDRÉ FLORES: Desculpa de interromper, é que eu vou ter que entrar numa reunião aqui, mas a Isadora, minha chefe de gabinete está na reunião e eu, daqui um pouquinho, já retorno para poder responder mais alguma coisa. Está bom? Desculpa... (Ininteligível.) ...outro compromisso. Um abraço.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Está bem, secretário, vamos aguardá-lo e continuamos com o diretor Manoel.

SR. MANOEL JOSÉ ÁVILA: Eu estou me estendendo, depois, eu me recolho de falar mais, mas a gente vive essa ansiedade também de expor a situação em que vive. Completando a questão pedagógica, Ver. Aldo, o atendimento nessa

escola distante do território é uma aventura, é um exercício de esforço pedagógico, é uma movimentação que vai exigir de todos nós muito empenho, uma leitura diferente, um desassossego muito grande. Bom, nós estamos dispostos a fazer isso especialmente em nome da comunidade que a gente atende, que não é a situação que a gente reputa a melhor de todas, a gente não faz isso com a satisfação de quem está dando solução para as coisas, a gente encara isso como um jogo de acerto e erro. A gente vai tentar acertar com o que tem na mão agora, para não deixar desassistidas as nossas comunidades. E aí eu estou falando agora exclusivamente como diretor, preocupado também em olhar para a escola como um ponto de referência que ela representa nessa comunidade e continuar sendo esse ponto de referência, até porque, quando a gente puder ter um espaço de novo reconstituído, não reabrir a escola com capacidade para 700 alunos, com 200 alunos, 150 alunos. A gente quer a manutenção do vínculo para poder garantir, inclusive, a permanência da escola na comunidade. Eu, particularmente, acho que isso não é difícil de acontecer, porque a escola está num contexto que tem junto uma EMEI, que tem a Unidade Básica de Saúde, que tem o CRAS, que tem o CREAS, que tem um centro comunitário abandonado, que precisa ser reativado, com a única piscina olímpica pública de Porto Alegre, e a nossa escola também ali nesse contexto, uma escola de ensino fundamental que também tem a educação infantil. Então, eu não vejo muito risco desse complexo todo voltar a funcionar, mas funcionar e aí com qualidade, com a possibilidade de ter o bom atendimento, que é uma coisa do esforço nosso, como servidores públicos, que a gente faz funcionar, às vezes, com o telhado caindo, que a gente faz funcionar, muitas vezes, com as situações não ideais de trabalho. Mas era melhor que a gente pudesse fazer isso com as melhores situações, com a rede elétrica toda funcionando bem, com os equipamentos em ordem, sem tomar água com amianto, não é?

E a terceira frente, que também é uma frente para a qual a gente foi convocado, essa a gente também não trata ela com menos importância, porque é o reforço do nosso vínculo com a comunidade, uma coisa para qual a gente foi chamado sem bem ser convidado, mas, quando a gente viu, estava fazendo isso, que é

trabalhar na assistência. Fazer serviço de assistência social, de atendimento social é um negócio que, enfim, está dedicado a outras secretarias, a outros espaços, mas que tocou para nós fazermos, e a gente acaba fazendo isso porque sabe da importância que a escola tem lá na comunidade. Então, a gente tem um centro de coleta e distribuição de doações a uns 800 metros de distância da escola, numa casa, onde a gente faz essa conexão com a comunidade, que é além da comunidade da própria escola, porque são famílias que até já transferiram seus filhos, mas que tem o contato, que tem a referência e vai lá. Puxa vida, tem água, tem cesta básica, e a gente está sendo a referência, numa rede de solidariedade muito maior que a cidade, para fazer essa distribuição. Então, o que eu queria dizer é que a gente está vivendo numa situação de atuar em três frentes todas ao mesmo tempo. É importante a questão da recomposição do espaço físico, mas nós temos que também... E aí, na Comissão de Educação, Cultura e Esporte da Câmara, eu acho que é um bom espaço para a gente discutir isto: qual é o papel a educação está fazendo nesse momento de crise, e escolas, como a que a gente vive, estão experimentando nessa situação. Eu me estendi, muito obrigado pela escuta de todas e de todos. Eu estou à disposição também para alguma questão que eu possa ajudar a explicar melhor.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Parabéns pelo seu trabalho, diretor. Mais alguém? Agora vamos à pergunta aqui direcionada para a SMED.

SRA. ROSELE COZZA BRUNO DE SOUZA: Eu gostaria de falar também.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Claro, eu vou te preferência, então, por gentileza.

SRA. ROSELE COZZA BRUNO DE SOUZA: Na verdade, eu queria dizer – o secretário André saiu – que até dezembro eu ainda era diretora da Escola Municipal Professora Nice Teixeira, então, quando o secretário fala das obras e todo esse processo, digamos, acompanhamento e proposições, porque, na

verdade, não se efetivaram essas reformas que ele tanto falou ali. Uma das coisas que eu acho, e aí é importante ter a Defensoria e também até a PGM aqui, é a gente pensar – e aqui vou fazer uma crítica obviamente – na tentativa de buscar uma outra solução que não a que está sendo dada, porque a gente viu agora, por exemplo, o anúncio de compra de vagas. Então por que o investimento em compra de vagas consegue ser aprovado com tanta rapidez? E não se pensa e não se tem alternativa para juntar essa comunidade e levar a comunidade inteira, no caso de escolas infantis, das EMElS, para locais públicos também, e que possam atender a comunidade como um todo, para a gente permanecer com o vínculo, que foi o que a gente levou para o secretário Maurício na reunião que a gente teve umas semanas atrás, da importância, da necessidade de manter a comunidade unida. Porque quando tu compras vagas e distribuis essas crianças em diferentes escolas, além... E aí teria o mérito, sim, de falar em quais escolas e para quem está se dando dinheiro público, a gente acaba fazendo essa divisão da comunidade escolar. A gente termina acabando com o vínculo de turmas e da comunidade escolar. Essa é uma preocupação que a gente tem, tanto pedagogicamente como na questão dos vínculos dessa comunidade escolar. Outra questão também é se isso não vai acabar gerando, e aí vou usar aquela frase, a gente vai abrir a porteira para passar a boiada, situações como por exemplo a Escola da Paineira, que a gente tinha e que agora foi para uma PPP. Quer dizer, acaba-se tirando toda a questão de uma escola pública, para passar para uma parceria público-privada. A gente vê que com todo o movimento que teve, em todas as situações, pegando desde a pandemia até agora a questão da enchente, os recursos que mais deram certo e que mais atuaram de forma a ter protagonismo foram no serviço público. Mas aí a gente pega, na hora que o dinheiro sai mais rápido, e passa para iniciativa privada. Então, a perspectiva que a gente tem de colocar esses recursos no lugar certo é que me preocupa. A gente teve há pouco toda uma questão que está sendo vista aí, tem processo tanto na Câmara de Vereadores quanto processo criminal mesmo, dos recursos que foram investidos pela SMED de forma equivocada, mas a gente continua. Nós, enquanto diretores, o Manuel está aqui e pode me

ajudar, toda a gestão, desde o primeiro dia do governo Melo, nos colocamos à disposição para ajudar, para mostrar o que era preciso, para dizer qual era a melhor forma, mas chega na hora da efetivação das políticas e do que é, de fato, colocado em prática, vai por um caminho completamente diferente. Então, esse apelo à Câmara de Vereadores é para que entenda a necessidade de ser investido no público, em concurso. A gente está, desde o início, com falta de recursos humanos. E agora, com a questão da enchente, 25% dos nossos trabalhadores foram afetados. Isso é muito grave. E as escolas estão aí, mesmo as que não foram atingidas, pensando para dar conta, para dar conta do seu cotidiano. Então isso precisa ser visto, isso precisa ser encarado como uma necessidade de fato, e precisa ser mais ágil. Eu entendo o que o secretário André diz, que ele não pode ser irresponsável de apresentar um... Mas, bem, a gente precisa de alguma coisa mais rápida. Por que é que para a compra de vagas é rápido? Então é isso, é trazer essa reflexão. Agradeço a oportunidade.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Obrigado, Rosele. Agora, então, vamos encaminhar as perguntas para a SMED. O Felisberto pergunta: “A escada da Creche Pica-Pau foi entregue?” Mais outra: “A situação da Creche Jardim Urubatã?”

SRA. LUCIANA: Olha, vereador, essas questões assim... É que eu e a minha colega, a gente veio falar sobre as outras questões de atendimento, acolhimento e saúde mental. Então, essas questões a gente vai ficar devendo, mas a gente pode registrar e depois, assim que possível, a gente retorna.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): A gente sabe que foi pauta, me passaram agora, da semana passada, mas a gente não pode deixar o cidadão sem retorno. Então vou lhe passar essas perguntas, questionamentos para, posteriormente, a gente poder encaminhar a resposta para eles.

SRA. LUCIANA: Com certeza. Eu vi que tinha uma outra pergunta ali: “Para onde as crianças da João Goulart estão indo?”. Eles estão indo para a EMEF Paixão Cortes, que fica ali na Vila Ipiranga. E a direção da escola, desde que recebeu o pedido de acolher, elas têm sido incansáveis no sentido de pensar os melhores espaços, de organizar, reorganizar os espaços da escola para inclusive a direção ter um local para trabalhar, que os professores tenham uma sala maior para ficarem em conjunto, têm ajudado a carregar classes, cadeiras, o tempo todo. Então, eu acho que eles serão muito bem acolhidos lá, com certeza será uma boa parceria. A gente sabe que não é o ideal, a gente tem plena certeza disso, mas a gente se preocupou com essa questão de que as crianças pudessem ser atendidas o quanto antes, e era o local que a gente tinha disponível no momento, elas estão cedendo o terceiro andar da escola. E a gente quer dizer que, em termos de acolhida, com certeza, sim, serão muito bem-vindos e que a escola está fazendo todos esses movimentos de receber, tanto a equipe diretiva quanto as crianças, da melhor maneira possível.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Não temos dúvidas disso. Alguém mais gostaria de se manifestar?

VEREADOR JONAS REIS (PT): Meu querido colega Aldo, eu queria fazer uma fala aqui inicialmente dirigida à Secretaria de Obras e à SMED. Primeiro eu queria lamentar que, mais uma vez, o secretário de educação, o novo secretário, não tenha vindo à Comissão de Educação. Os demais secretários vinham até à comissão, conversavam na comissão, tinham todo o espaço de palavra, de esclarecimentos. Esta comissão se dedica a quatro principais pautas: educação, cultura, esporte e juventude. Todos os secretários aqui são bem-vindos. Eu queria entender e queria que as assessoras da SMED pudessem levar isso à secretaria. Nós estamos, aqui nesta comissão, consternados porque o secretário não aparece para prestar esclarecimentos. Vejam bem, o secretário de obras, que trata de todas as obras da cidade, dedicou o seu tempo a vir aqui; e o secretário apenas de uma pasta não veio apresentar o calendário. Isso é

lamentável, então faço aqui essa ressalva que nós não podemos abrir mão de conversarmos sobre a cidade. Acho que isso é fundamental, talvez, o secretário não tenha entendido muito bem como funciona a educação na cidade. A gente dialoga muito, conversa muito, as instituições se somam. Inclusive, o repasse de mais recursos para as escolas conveniadas para o pagamento do piso é fruto desse diálogo da Câmara de Vereadores, da Prefeitura de Porto Alegre numa construção coletiva. E é assim que a gente acredita que nós devemos permanecer, mas, enfim, eu gostaria de poder ouvir a assessora do secretário de obras ou o secretário de obras numa outra reunião. Eu sei que hoje isso não vai ser possível, mas a gente precisa de um calendário, secretário, para poder também orientar a comunidade e pensar soluções. Porque o ano letivo vai se encerrando, as aprendizagens são cumulativas, o processo de ensino e aprendizagem é complexo, não é só a criança ir para escola e vai aprender tudo que não aprendeu. A gente precisa de processos que são no dia a dia que a gente vai construindo; a própria alfabetização, ninguém se alfabetiza numa semana, em duas, é uma sequência de atividades, há um imbricamento também da interdisciplinaridade. Por isso que a gente precisa entender como está pensado o calendário de obras junto ao calendário pedagógico da SMED. A gente tem discutido isso e está muito preocupado porque a pandemia deixou um legado péssimo a todo Brasil. O que aconteceu na pandemia? Fechou-se a escola, e as pessoas ficaram no EAD, só que o EAD não está preparado, e nós não temos o suporte necessário para substituir as relações sociais que acontecem na sala de aula. A relação aluno-aluno, aluno-professor, a relação aluno-saber, e esta é fundamental. O Bernard Charlot, que é um teórico da sociologia da educação nos coloca que a educação é um processo social da relação que a gente estabelece com informações, com dados e aí a gente vai produzir conhecimento. Então a gente precisa dessas interações, precisa dos espaços escolares, a gente precisa de um calendário. E nós da Câmara de Vereadores nos colocamos à disposição para ajudar no que for possível. Se for necessário conversar com a rede estadual, se for necessário conversar com outros autores, se for necessário inclusive falar com outras entidades e

instituições para gente ter espaços onde a educação possa acontecer no formato que, para nós, é tradicional e fundamental, que é a sala de aula, que é a escola por seus tempos e espaços. Então a minha fala que é nesse sentido de alerta porque, se a gente perder mais meio ano – já perdemos dois meses nessa tragédia de tudo ficar alagado infelizmente não é caso particular da Porto Alegre são mais de 400 municípios no Rio Grande do Sul... A gente precisa garantir que essas crianças, principalmente das regiões periféricas, voltem a ter o direito à educação. Até porque eu tenho visto crianças brincando no lixo, brincando nas calçadas com monte de barro, monte de entulho, então, a gente precisa emergencialmente ter espaço que ela fique lá pelo menos um turno, que é o que a escola fazia esse serviço fundamental. Então eu peço essa ação, essa sensibilidade de que a energia, secretário, eu sei que a gente precisa fazer outras obras, tem muita coisa a ser feita, mas é preciso fazer uma força tarefa para esse espaço da escola acolher as crianças. Por que as suas famílias perderam tudo, estão desestruturadas, muitos perderam até emprego, por que algumas empresas já estão fechando no 4º Distrito. Esse é um outro problema que vai gerar mais dificuldade social, mas, enfim, se a gente conseguir fazer voltar rápido à educação, a gente já tem um grande esforço coletivo dessa comissão e de todo mundo que acredita que a educação não pode parar. Essa é, na verdade, a minha reflexão e contribuição neste debate. Sei que talvez isso não seja resolvido hoje, mas a gente fica à disposição para recebê-los no outro momento aqui.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Excelente colocação, Ver. Jonas Reis, a gente sabe que nós estamos vivendo um período anormal nunca visto nem mesmo na enchente em 1951. nós estamos num período anormal, acredito que o secretário André – não posso falar por ele, mas pelo que eu entendi – fica difícil colocar um prazo, um calendário estipular um calendário, pode ser uma estimativa. Mas colocar um calendário: “Não, em agosto vão estar todas as escolas recuperadas”. Eu acho que seria impossível fazer isso, haja visto que as condições que nós nos encontramos hoje são precárias, até mesmo por mão de

obras, por maquinários. Como ele falou, foi o primeiro questionamento que eu fiz, e realmente na questão de maquinário estamos enfrentando bastante dificuldades. Eu também fui atingido, não aqui em Porto Alegre onde eu moro, mas eu tenho famílias no interior, em São Lourenço do Sul, onde eu perdi duas casas, eu não tenho mais nada dentro das minhas casas em São Lourenço do Sul, assim como meus familiares. Mas é complicado, a gente está passando um período difícil, já tivemos a pandemia que foi um período bem difícil que nos deixou marcas. Acredito também que essa enchente vai deixar marcas em muitas pessoas, mas nós temos que nos unir nesse momento, a gente tem que ter união para poder formar parcerias, como foi dito, procurar entidades. O Ver. Jonas Reis colocou muito bem: fazer parcerias para que a gente consiga, pelo menos, trazer de volta a educação para as comunidades. A educação é a ferramenta que nos rege, vamos dizer assim, então acredito que a Prefeitura está fazendo esse grande esforço, força tarefa para que, o mais rápido possível, a gente consiga voltar à quase normalidade. Porque à normalidade eu acredito que a gente vai levar um bom tempo para voltar. A Sra. Luciana, da SMED, está com a palavra.

SRA. BETE CHARÃO: Posso aproveitar e fazer uma pergunta antes? Ver. Aldo, o senhor perdeu duas casas. Imagina para quem tem só uma? Vamos nos colocar no lugar dessa pessoa que tinha só uma casa.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Eu digo duas casas porque foi a minha casa e a casa da minha família lá em São Lourenço.

SRA. BETE CHARÃO: Para aquela família que só tinha aquela casa, Luciana, quais são as ações em relação à saúde mental para os servidores que perderam tudo e mesmo assim estão trabalhando, ou aqueles que não têm condições de trabalhar? Quais são as ações para esses colegas e também quais são as ações nesse sentido para as comunidades, para as crianças, para as famílias dos estudantes, já que tu falaste que veio aqui para falar da saúde mental? Então,

vamos falar disso, porque, com certeza, uma pessoa que perdeu tudo, que viu a sua casa ruir, suas memórias, sua história, como que ela está passando? Já se passaram dois meses e a situação que ela está agora, que obviamente não é a ideal – e vai levar um bom tempo –, quais são as ações da SMED e da Prefeitura, do governo, para amenizar isso?

SRA. LUCIANA: Certo, a gente veio falar um pouquinho sobre as ações que a gente tem na secretaria envolvendo essas questões, que são de SOE e CIPAVE. Então, acho que a minha colega da CIPAVE pode iniciar a fala, porque elas trabalharam bastante com questões de Pedagogia de Emergência. Ela inicia falando e depois eu sigo com as questões do SOE.

SRA. ADRIANA: Está certo. Boa tarde, pessoal, nós temos feito uma parceria junto ao SOE e temos trabalhado bastante desde o início dessa situação toda de calamidade em diversas frentes. No início, a gente fazia uma escuta constante, permanente, de direções e educadores que entravam em contato. Algumas vezes, a gente intermediou algumas preocupações, repassando, quando envolviam funcionários terceirizados, a gente procurava fazer essa interlocução, embora não seja nossa área de responsabilidade. Como a CIPAVE é a Comissão Interna de Prevenção a Acidentes e Violência no Âmbito Escolar, a gente sempre buscou trabalhar com todos os segmentos e dar esse olhar o quanto a gente consegue, é claro, nessa interlocução. E então vieram várias *lives*, vários momentos de formação que a gente começou a acompanhar e a chamar o pessoal para acompanhar também. Surgiu a necessidade de trazer para perto o pessoal da Pedagogia de Emergência, que estava fazendo uma formação muito bacana, falando sobre o trauma, sobretudo como nós estávamos vivendo e ainda está vivendo em nossa comunidade, enfim. Trouxemos questões para que, compreendendo, a gente pudesse lidar tanto no momento presente, ainda de reestruturação, quanto para uma compreensão maior, até futuramente para pedagogicamente trabalhar isso. A gente promoveu dois momentos de encontro com o pessoal da Pedagogia de Emergência, momentos teóricos e práticos, uma

manhã e uma tarde, convocando toda a rede a participar, num momento em que as escolas ainda estavam começando a retornar, aquelas que podiam, enfim. A gente entende que tem servidoras e servidores que ainda não conseguiram, não têm condições de voltar, e tudo isso dentro do que é combinado conosco, do que nos é passado, vai sendo de escola a escola, caso a caso, para respeitar a possibilidade de cada trabalhador, cada trabalhadora nesse sentido. A CIPAVE também teve rodas de conversa. Junto com minha colega Luciana do SOE, promovemos algumas rodas de conversa com a CIPAVE e com orientadoras, equipes diretivas, coordenação de turno. Pessoas que vieram ali para conversar, a gente fez uma escuta qualificada onde cada uma, cada um pôde falar um pouquinho. A gente combinou que seguiríamos nesse movimento das rodas de conversa, e, ao ir na reunião com as escolas alagadas, quando a Luciana e eu saímos, conversamos muito sobre o que iríamos promover para esse grupo também, porque era um grupo que estava muito impactado, como vocês bem colocaram aqui. As pessoas seguem ainda muito impactadas, e a nossa abordagem inicial, pelo menos do lado da CIPAVE, que era entrar com a questão da Pedagogia de Emergência, talvez devesse aguardar um pouco e a gente devesse buscar uma ajuda no campo da educação socioemocional, que é o que conseguimos oferecer, intervir, mas uma ajuda psicológica na saúde mental realmente. Aí a Lu trouxe essa possibilidade de conversar com grupo da Motriz, que é uma ONG que está se colocando ao nosso lado. Então, num primeiro momento, nós, da SMED, tivemos um encontro com a Motriz. Depois, num segundo momento, para amarrar bem, a gente abriu para as 14 escolas a possibilidade de uma escuta coletiva, que foi bem-vinda; o pessoal sentiu que aproveitou bastante. Agora, essa psicóloga, que é especialista em luto e teoria do apego, segue esse trabalho junto a nós, SOE e CIPAVE. A gente está agora nessa dobradinha, procurando auxiliar para que as escolas e suas direções chamem, articulem com essa psicóloga e possa atender o coletivo de cada uma. Paralelamente a isso, a CIPAVE também criou junto um guia de suporte para situações emergenciais, tratando tanto da questão do acolhimento mesmo, do acolhimento socioemocional e também buscando atividades junto com o SOE,

com o ERER, com colegas, atividades que pudessem trazer um sentido de pertencimento nesse momento. Então, criamos esse pequeno guia *online*, que foi enviado para compartilhamento, e estamos seguindo nessas ações. Assim como, formações de Primeiros Socorros Psicológico, que a gente já vinha realizando, que a gente vai seguir também fazendo. Agora, estamos mobilizando talvez... Já conversamos com o psicólogo do NEPTE, do núcleo da PUC, que trabalha com essa abordagem; ele vai fazer *online* também para que todos possam ter acesso. Várias ações, conversas com o pessoal da Ajuris, da Justiça Restaurativa, para que a gente pense formas de abordar procedimentos restaurativos. Nós temos atendido também em conjunto, CIPAVE e SOE, muitas situações – agora nesse retorno, que estão vindo, que estão batendo no chão das nossas escolas – de conflitos, pois a nossa população está muito afetada, muito abalada, e isso está vindo em forma de conflito. Por isso, estamos nessa busca dos atendimentos na mediação de conflitos, na escuta da família, na escuta da escola, enfim, procurando fortalecer ao máximo nossos colegas das escolas. Não sei se deixei passar alguma coisa, mas posso retomar depois. Não sei se a Lu quer continuar, por favor.

SRA. LUCIANA: Isso daí em conjunto com esse trabalho da CIPAVE, nós temos o SOE, que é o Serviço de Orientação Educacional, que trabalha com todas essas questões de prevenção nas escolas e acompanham tanto os alunos, quanto os educadores, quanto as famílias. O SOE, durante o período da enchente, não parou um minuto. Eles trabalharam nessas questões, principalmente ajudando nessa questão de assistência. Como o SOE conhece as famílias e é o serviço da escola onde todas as famílias costumam se comunicar normalmente, mantivemos um canal de comunicação. A gente se comunica, eu vi que perguntaram ali, diretamente pelo WhatsApp. Eles podem acessar a gente por WhatsApp o tempo que precisarem, daí nós deixamos esse grupo que temos aberto e trocamos por ali as informações, onde conseguir cesta básica, onde... Tudo, a gente passou o tempo todo trabalhando ali naquele grupo do SOE, e eu cuidando bastante dessa questão da gestão do cuidado. A gente

já vinha com esse trabalho em relação à pandemia, pois no Memorial do Rio Grande do Sul, de diretrizes da pandemia, já falava que em 2024 ia ser o pico de questões problemáticas de saúde mental. Então, a gente já vinha trabalhando isso, enquanto assessoria, fazendo um programa de gestão do cuidado, porque nesse pensamento de quem é que cuida de quem cuida dos outros o tempo todo. Então, a gente já vinha com formações mensais com o grupo de orientadores, para que eles pudessem se manter bem na sua saúde mental, questão de saúde mental, e que eles pudessem atender essas famílias e essas crianças da melhor maneira possível. A gente já vinha com esse atendimento de formações com psicólogos, com pedagogos que traziam essas questões para os orientadores. Agora, a gente mantém essas formações, são trilhas de formação, inclusive, a nossa última formação foi sobre resiliência no ambiente escolar. Foi fundamental para que essas pessoas pudessem resgatar a si mesmas, e as avaliações foram maravilhosas, assim, é sempre um prazer a gente se reunir nos grupos, enquanto formação, porque a gente já se compõe, assim, como uma família. A gente tem bem essa proximidade entre assessoria e serviços de orientação das escolas, e a CIPAVE trabalha bastante com esse grupo também. Então, a gente pensa que fortalecendo muito as ações do SOE, a gente vai ter fortalecido na comunidade e nas crianças esse movimento também, porque são pessoas que lidam diretamente com esses servidores e com essas crianças. A gente comentava, inclusive, na reunião que nosso objetivo maior é que essas crianças se sintam bem acolhidas. Tivemos formação sobre acolhimento, a importância do acolhimento no ambiente escolar, porque nos preocupamos muito com a questão da evasão, de que os alunos não retornem ao ambiente escolar. Assim, lançamos estratégias do que fazer para que essas crianças se sintam bem e, também, em parceria com as outras secretarias, para que essas famílias tenham condições de permanecer na escola, garantindo assistência, segurança e saúde. A gente vem conversando bastante sobre isso também. O canal deles, de atendimento, é direto conosco. Sempre que eles precisam de alguma coisa, já dão um grito aqui: Lu, Adri, a gente precisa da ajuda de vocês para atender na escola, para atender as famílias. Nós estamos sempre dispostas, e eles sabem

disso, inclusive, até eles nos dizem: bah, que bom, a gente não se sente mais sozinho na rede municipal, a gente sabe que tudo que precisarmos podemos contar com vocês. Eu acho que esse é o nosso papel, que a gente está aqui, enquanto assessoria, para manter exatamente esse vínculo. Todos nós viemos de escolas, a gente está aqui na secretaria porque é um espaço de educação também, mas todos nós viemos de escola, e a gente sabe como funciona a escola. Estar aqui é uma oportunidade que a gente tem de oferecer para as escolas algo a mais, sempre algo mais, pensando no bem estar de todos, que é uma necessidade básica. É isso.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Obrigado, Luciana. Bete, está respondida a tua pergunta? Está satisfeita? Eu vou te fazer uma colocação, Bete, eu não imagino o que é perder uma casa, eu sinto no dia a dia, porque eu estou dentro das comunidades, principalmente na Ilha do Pavão, desde o dia 9 de setembro de 2023, a primeira enchente. Diariamente, eu estou lá ajudando essas famílias, limpando as casa, resgatando com água até o pescoço, muitas vezes, e isso está comprovado. Eu não imagino, eu sinto a dor, quando um dos meus sente, perde, eu também perco. Então, não é imaginar, é sentir, é viver o dia a dia dessas pessoas, e isso eu faço há 46 anos. Eu não cheguei na Câmara de Vereadores ontem, com discurso; eu cheguei com muito trabalho, eu sou filho de pescador de beira de praia, cheguei jovem aqui, aos 16 anos, sem R\$ 0,01 no bolso, e hoje eu cheguei à Câmara de Vereadores – um filho de pescador de beira de praia é vereador da capital de Porto Alegre, com muito trabalho e não, politicagem. Eu trabalho realmente e sei da dor que cada um está sentindo, e é a minha dor também.

SRA. LUCIANA: Eu queria só completar isso que o senhor falou agora. Todo esse trabalho que a gente faz com as orientadoras, e a gente se colocou aberta, a gente teve uma reunião que durou três horas, em que a gente ouviu as pessoas, em que a gente sentiu essa necessidade de que todos pudessem falar e chorar, todo mundo chorou junto, se abraçou junto, porque eu digo, assim, por

mais que a gente trabalhe saúde mental o tempo todo com as pessoas, é impossível as pessoas estarem 100% bem, vendo as outras pessoas sofrendo. A gente não consegue estar 100% bem o tempo todo. Então, eu converso muito com as gurias e digo, assim, que a gente consiga ao menos resgatar a nossa essência, porque a gente perdeu, ali, naqueles dias, a gente se sentia perdido. Inclusive, uma diretora comentou numa reunião e disse, assim, “agora eu entendo o que significa aquilo que a gente diz de abobado da enchente – é verdade.” Gente eu não tinha nem lembrado dessa expressão. A gente se sente assim, porque a gente se sente perdido, sem rumo. Mas eu penso assim, quando a gente tem alguém que nos dá esse apoio, que nos estende à mão e que sabe que, se eu precisar, tem alguém ali que vai poder ao menos me ouvir, não vai resolver o meu problema muitas vezes, imediatamente, mas está ali para me escutar, para me ouvir, para me apoiar e dizer “vamos lá, me dá a mão e vamos seguir em frente”. E eu acho que é isso que as pessoas precisam também, mas que a gente consiga resgatar a nossa essência. Eu acho que daí já é um bom ponto de partida.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Obrigado, Lu. O Ver. Jonas Reis está com a palavra.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Acho que estamos satisfeitos com todas as intervenções, acho que todos tivemos a oportunidade. Por mim, está muito tranquilo.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Alguém mais para fazer alguma manifestação? Ver. Jonas é meu amigo querido, conheço desde que nasceu essa criança, e hoje nós estamos aqui lado a lado, trabalhando pelas comunidades. Vereador, parabéns pelo teu trabalho, parabéns pela pauta que trouxe aqui. Sabes que tu moras dentro do coração deste teu amigo aqui.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Igualmente, meu amigo. Agradeço, amigo Aldo, é uma satisfação estar contigo aqui na comissão, nesta tarde de muito debate e muita construção pela educação do nosso Município.

PRESIDENTE ALDO BORGES (PSDB): Vamos dar por encerrada a nossa reunião, com certeza não será a última, vamos fazer outras, vão ter outras pautas também, em que todos vocês, com certeza, estarão convidados para participarem. Essa reunião foi extremamente produtiva, eu acho que ela foi esclarecedora. Agradecer a presença de cada um de vocês que fazem da cidade um pouco melhor. Nesse momento a gente tem que ter união e unidade, nós não podemos apontar culpados; nós temos é que unir forças para levantar, resgatar a nossa autoestima como gaúchos, como pessoas de bem, e trabalhar pelo povo que mais precisa nesse momento. Nós todos precisamos de uma palavra de carinho, um abraço, um conforto. Muita gente diz “ah, eu não consigo ir lá ajudar a fazer a faxina...”, que nem nós fizemos faxina no domingo, no bairro Humaitá, mas a pessoa sempre tem alguma coisa para dar, uma palavra de conforto, de carinho – vamos lá, vamos seguir em frente. Nós vamos sair mais fortes e unidos, com certeza, dessa luta, dessa batalha se a gente for unidos, não podemos dividir, a gente tem que unir esforços, unir pensamentos para que a gente construa, reconstrua uma cidade melhor, um Rio Grande do Sul melhor para todos nós vivermos, que a gente não precise sair do nosso Estado, que a gente tanto ama, sair da cidade de Porto Alegre para procurar uma outra vida em outro lugar. Nós temos que reconstruir a nossa cidade e o nosso Estado, mas só vamos conseguir fazer isso se formos unidos, se tivermos o mesmo pensamento, a mesma direção, o mesmo pensamento de união e unidade.

Agradeço a todos com carinho. Eu não vou ficar na câmara de Vereadores por muito tempo, é uma semana apenas, eu estou substituindo o colega Marcelo, que é morador do bairro Humaitá, que foi resgatado também de barco, que está acamado, está com problema de saúde, e eu fui chamado para substituí-lo. Eu espero ter contribuído com vocês. Vocês são as pessoas que movem a cidade.

Então, humildemente, agradeço aqui a participação de todos e a oportunidade de estar com vocês.

(Encerra-se a reunião às 15h56min.)

TEXTO SEM REVISÃO